

ATENDIMENTO AOS SURDOS NOS SERVIÇOS DE SAÚDE DE JOINVILLE/SC: O OLHAR DOS INTÉRPRETES DE LIBRAS ¹

Andrea Heidemann², Fernanda Souza Rocher da Silva³, Caroline Orlandi Brillinger⁴

¹ Pesquisa desenvolvida para elaboração de TCC do curso de tecnologia em gestão hospitalar do IFSC-campus Joinville

² Professora do IFSC-campus Joinville

³ Acadêmica do curso de Gestão Hospitalar do IFSC-campus Joinville

⁴ Professora do IFSC-campus Joinville

Resumo: *O presente estudo tem como objetivo descrever como ocorre a inclusão da comunidade surda de Joinville/SC nos serviços de saúde pública e privada na ótica dos acompanhantes intérpretes de libras vinculados a Associação Beneficente de Assistência aos Surdos em Joinville (IJAS). A referida pesquisa caracteriza-se como aplicada, qualitativa e de campo. Foram realizadas seis entrevistas em profundidade com os intérpretes voluntários do IJAS. A análise foi feita a partir de cinco categorias que emergiram dos discursos dos participantes da pesquisa: O perfil dos intérpretes, sua atuação no contexto da saúde, a atuação da família, os desafios encontrados para inclusão dentro dos hospitais. Os resultados apontam um déficit por parte das organizações de saúde, poder público e família em auxiliar no processo de inclusão dos surdos, pois aqueles que fazem parte destes processos, em sua maioria, não possuem domínio ou noção básica sobre Libras.*

Palavras-Chave: Libras. Saúde. Inclusão.

1 INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) foi reconhecida no Brasil como uma língua apenas em 2002 e, mesmo após anos desde a implementação da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, muitos hospitais e demais serviços de saúde, tanto privados quanto públicos, não possuem intérpretes para realizar atendimento a quem necessita desta forma de comunicação (BRASIL, 1999, p.1).

Quando pensamos em surdos que são clientes da rede de saúde, não é muito difícil chegar a conclusão do resultado que a barreira da comunicação pode causar. A falta de transparência na hora de relatar os sintomas, pode resultar em um diagnóstico errado e, conseqüentemente, em um tratamento inadequado, com medicamentos que não irão suprir as necessidades do usuário/cliente e podem agravar o seu quadro ou até mesmo causar a

sua morte.

É nesse cenário que emerge a importância da atuação dos intérpretes de libras como facilitadores do acesso a esses serviços de saúde. A Política Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, estabelece estratégias para atender às pessoas com deficiência de forma qualificada, priorizando a formação e a capacitação de profissionais de saúde para atuarem em todos os níveis da assistência (primário, secundário e terciário) (BRASIL, 1999, p.2).

No entanto, a acessibilidade dos surdos nos serviços de saúde ainda é precária o que dificulta a interação entre as equipes profissionais e o usuário/cliente. Isto porque não existe a presença de profissionais com o domínio da língua de sinais. Com a ausência do Estado, é frequente nos municípios a presença de voluntários assumirem essa demanda de maneira solidária. Dessa maneira, o presente estudo buscou conhecer quais os maiores desafios enfrentados pelos surdos nos serviços de saúde do município de Joinville/SC, no olhar dos intérpretes de Libras vinculados a esta instituição.

2 METODOLOGIA

Quanto à abordagem a referida pesquisa apresenta-se como qualitativa. No que diz respeito à natureza trata-se de uma pesquisa aplicada. Com relação aos objetivos caracteriza-se como pesquisa descritiva e refere-se, também, a uma pesquisa de campo tendo em vista que coletou dados diretamente da realidade.

O *lócus* da pesquisa foi a Associação Beneficente de Assistência aos Surdos, situada no município de Joinville/SC, que não possui fins lucrativos e que presta serviços voluntários permanentes com foco na pessoa com deficiência. Ofertando, inclusive, serviços de intérpretes de libras para o acompanhamento de surdos em atendimento nos serviços de saúde pública e privada. Para a aplicação da pesquisa foi considerado todos os intérpretes de libras voluntários vinculados a IJAS e que acompanham usuários/clientes nos atendimentos de serviços de saúde no município de Joinville, totalizando sete.

Para a coleta de dados utilizou-se da entrevista em profundidade. A priori tinha-se a estimativa de aproximadamente sete entrevistas envolvendo os profissionais que acompanham os surdos às consultas. No entanto, a quantidade propriamente dita foi

concluída tão logo a pesquisadora entendeu que os dados necessários já foram coletados e isto foi possível, pois as ideias centrais começaram a se repetir no decorrer da aplicação das entrevistas, realizou-se, então, seis entrevistas. Para análise de dados foram utilizados os resultados da pesquisa documental e a leitura do resultado das entrevistas. Os dados foram tabulados e discutidos com embasamento do suporte teórico. O projeto também foi analisado por Comitê de Ética na Pesquisa via Plataforma Brasil e autorizada através do parecer 3.699.909.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Perfil dos Intérpretes de LIBRAS do IJAS

Os intérpretes de Libras surgiram com a demanda dos surdos na informalidade e no contexto da filantropia, principalmente, religiosa. São eles que fazem a mediação entre surdo e ouvinte e muito antes de serem formalizados como TILS (Tradutor Intérprete de Língua de Sinais), também conhecido como TILSP (Tradutor Intérprete de Língua de Sinais/Língua Portuguesa), eles já estavam presentes nas relações de comunicação.

Nesse sentido, é importante conhecer o perfil daqueles que atuam como Intérpretes, especificamente na IJAS na cidade de Joinville-SC, que oferece o serviço de acompanhamento de surdos nos atendimentos de saúde. Os dados coletados apontam que se tratam, na sua maioria, de mulheres (4) mas, também, com a atuação de homens (2). Quanto a faixa etária, três estão entre 30 a 45 anos, dois entre 45 a 55 anos e, menos de 30 anos, apenas um. Quanto a escolaridade, quatro afirmam ter ensino superior completo e, dois ensinos superiores incompletos. Já no que diz respeito ao estado civil, quatro são divorciados e dois são solteiros. Para Almeida (2019) a faixa etária não determina um pré-requisito para qualificação deste profissional, mas reflete a atualidade do tema, como é nova a busca por esse conhecimento.

No que se refere ao tempo dedicado pelos entrevistados ao voluntariado obteve-se os seguintes dados: os participantes da pesquisa dedicam-se, em média, de 3 a 5 horas semanais para o trabalho voluntário na instituição estudada. No entanto, também, exercem suas profissões e estão incluídos no mercado de trabalho, tendo em vista que, quatro são servidores públicos, uma é esteticista e uma é cobradora. Mesmo aqueles que estão em cargos públicos não tem a interpretação como atribuição de sua função. Um dos

entrevistados diz que sua função dentro do seu local de trabalho não é interpretar, mas, acaba exercendo esse papel por ser um dos únicos capacitados para tal tarefa.

Em relação ao tempo que os entrevistados trabalham com Libras não existe um tempo que seja predominante pois dois trabalham a menos de cinco anos, dois de cinco a 10 anos e dois a mais de 10 anos. No que tange as atividades desenvolvidas na instituição estudada pelos participantes desta pesquisa, essas são distribuídas não apenas na área da saúde, mas focadas, também, nas demandas do cotidiano do IJAS, onde são disponibilizadas aulas de Libras e eventos a comunidade surda. São feitos acompanhamentos na área da saúde, independente do horário e dia que eles são chamados, elaboração da aula, elaboração de vídeos, muitos auxiliam nos eventos. Uma das intérpretes além das atividades diretas de atendimento as demandas dos surdos, também é responsável pela parte burocrática da instituição.

3.2 A atuação dos Intérpretes de LIBRAS do IJAS no contexto da Saúde

Inicialmente, é importante salientar que, a Libras sempre teve o trabalho voluntário como um apoiador, os pioneiros foram as igrejas que se apropriaram desta linguagem para passar suas crenças aos surdos. A igreja Católica, a igreja Batista e os Testemunhas de Jeová são citadas no estudo de Gomes (2015, p.118) como parte importante no processo de construção da língua de sinais. O voluntariado se fez presente também no aprendizado dos surdos nas escolas, conforme Silva e Oliveira (2012, p.64) e, atualmente, também atendem essa demanda junto aos serviços de saúde tanto pública quanto privada.

O não acesso aos direitos pela falta de comunicação entre as instituições e a comunidade surda fortalece o processo de exclusão desta importante parcela da população e, na saúde isto pode custar a vida destes cidadãos. Quando os participantes desta pesquisa foram questionados quanto ao segmento da saúde que é mais utilizado pelos surdos atendidos com o serviço de intérprete pelo IJAS, afirmaram que a rede pública é mais procurada do que a rede privada ou a saúde complementar. Esta realidade pode ser ilustrada com o discurso do Entrevistado 1:

“A rede pública, é difícil ver um surdo bem financeiramente, até a gente usa a rede pública, é que muitas empresas têm plano médico, mas na maioria das vezes é pública mesmo”.

A questão do acesso à saúde na rede privada, entra em uma outra vertente, a do meio empregatício, que segundo Santos, Vieira e Faria (2013, p.14), apresenta outro problema, que é a não adequação das empresas para receber não apenas essa parcela da população, como outras que exigem uma adaptação por parte destas. É de conhecimento que as empresas se preocupam em cumprir legalmente suas funções, mas não preconizam a inclusão neste processo. Nas entrevistas realizadas com os voluntários do IJAS, observou-se que os acompanhamentos dos surdos aos serviços de saúde acontecem nos três níveis de complexidade, ou seja, na proteção básica, na média e na alta complexidade, como pode ser verificado na fala do Entrevistado 4:

“Na verdade, assim, eles têm todos os casos, desde uma consulta de rotina, como o caso do ginecologista, a uma emergência, que pode não ser algo tão grave, ou necessitar de um acompanhamento cirúrgico, que aí realmente precisa estar alguém ali conversando, então são todos os casos”.

No entanto, um fator relevante foi destacado pelos entrevistados, os surdos só procuram os serviços de saúde quando já estão com quadros de dor aguda e utilizam pouco os serviços de prevenção e consultas regulares. Como observa-se no discurso do Entrevistado 1:

“Eu tiro pela gente, você tem que ir no médico, mas nunca vai, só vamos quando estamos sentindo alguma coisa, é a mesma coisa com o surdo, ele não entende”.

Essa busca pelos serviços de saúde apenas quando extremamente necessário pode ser reflexo da realidade vivenciada dentro das instituições de saúde nos momentos em que ocorrem os atendimentos a este público em específico. O questionamento quanto aos prejuízos causados ao atendimento dos surdos nos serviços de saúde pela falta de um intérprete de libras pode ser identificado na fala seguinte:

“Eu acho que o prejuízo que eles sofrem é muito grave, porque ele tem que entender tu ao máximo, desde o documento, até o que ele está sentindo, qual doença ele tem, se tem alergia à algum medicamento”.
(Entrevistado 2)

Para atender a demanda de surdos é necessário a existência de um número suficiente de intérpretes preparados para este atendimento. Para a maioria dos voluntários do IJAS, em Joinville existe um número significativo de intérpretes, porém não de forma acessível

para todos os surdos já que a maioria não tem condições financeiras de pagar pelo acompanhamento e o mesmo não é ofertado pela prefeitura do município. Assim, existe a dependência de trabalhadores voluntários e nem todos tem essa disponibilidade conforme relatado pelo Entrevistado 1:

“Não, porque assim, ninguém quer ser voluntário, e tem um monte de intérprete na cidade, mas eles só vão se receberem algo com isso. E as famílias no geral, não veem benefício em investir em um intérprete”.

No entanto, um dos entrevistados acredita que são poucos os intérpretes de libras disponíveis para a população surda do município de Joinville/SC:

“Então eu falo para você, que hoje, a gente tem poucos intérpretes em Joinville, justamente porque a gente não tem nenhuma escola, faculdade que qualifique, nem Univille, nem UDESC, nem Sociesc, nenhuma dessas faculdades tem realmente o curso de letras libras, para qualificar esses profissionais”. (Entrevistado

6)

Nesse sentido, alguns participantes desta pesquisa revelaram, ainda, uma disputa entre intérpretes voluntários e os intérpretes que cobram pelos seus serviços, segundo os mesmos, aqueles que tiram sua renda através desta profissão, não aceitam que outros o façam de forma gratuita.

“Então, pelo que eu vejo assim, não. Tem muito pouco e ainda os que tem, ao invés de se unir, eles ficam com rixa”. (Entrevistado 3)

No meio desta disputa entre voluntariado e iniciativa privada e a ausência do estado, se encontra o surdo que sofre com a falta de profissionais que possibilitem sua inclusão nos serviços de saúde e nas demais políticas públicas. Dado o efeito prejudicial para a comunidade surda, torna-se importante que o acompanhamento se efetive como responsabilidade do poder público. Dessa maneira, cabe ao Estado prover profissionais capazes de orientar este paciente desde a entrada do hospital, até a saída assim como nos demais serviços de saúde.

3.3 Desafios encontrados para a inclusão dos surdos nos serviços de saúde

O decreto nº 5.626 que dispõe sobre a Libras, a formação do profissional, o uso da língua, estabelece que: “O professor de Libras e o Instrutor de Libras deve ter

graduação de licenciatura plena em Letra: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua” (BRASIL, 2005, p.1). No entanto, com a coleta de dados realizada para este estudo, viu-se que essa não é a realidade e ainda se configura um grande desafio a ser superado no sentido de proporcionar esse serviço de qualidade para a comunidade surda. Na cidade de Joinville, por exemplo, não existe curso em universidades para a formação destes profissionais.

O Entrevistado 6, ressalta outro importante desafio que é a ausência do Estado para o atendimento das demandas da comunidade. O atendimento é feito de forma voluntária e, em Joinville, a única parceria se configura no empréstimo da sede para o funcionamento da IJAS. Mesmo em situação precária em decorrência da falta de recursos, o IJAS já disponibilizou aulas de Libras com enfoque na saúde no Hospital Regional Hans Dieter Schmidt e no Hospital Municipal São José de forma gratuita.

No que diz respeito a realidade dos surdos em Joinville/SC, os entrevistados sinalizam para uma preocupação relevante que são as condições relacionadas a saúde mental resultantes da exclusão social vivenciada pelos surdos, em especial a depressão. Tal doença mental tem diversos fatores e pode ser compreendida, também, como um processo de exclusão da sociedade onde vivem, em todos os âmbitos, em suas casas, nas escolas, nos trabalhos. Outro desafio apresentado pelo Entrevistado 6 é o prejuízo para a saúde do surdo em decorrência do não acesso ao intérprete para acompanhá-los nas consultas, conforme narrativa a seguir:

“É de suma importância, ele (intérprete) vai ser um facilitador, ele que vai saber dizer com transparência o que é que o surdo está sentindo, a importância é 100%. Se o médico ou enfermeiro, não souber nada de libras, a presença do intérprete é de muita importância, para evitar qualquer erro de diagnóstico”.

O entrevistado 3 ressalta a importância de um profissional, sem o uso de sinais caseiros ou mímica, pois apontar para o local onde a dor ocorre, nem sempre transmite o conteúdo correto. Os participantes da pesquisa alertam que os hospitais não estão preparados para o atendimento qualificado dos surdos. No entanto, registra que iniciativas individuais dos profissionais buscando conhecimento de Libras e que tem feito a diferença no acolhimento dos surdos nos serviços de saúde.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos dos entrevistados trouxeram a possibilidade de dar visibilidade a assuntos que estão ligados a qualidade de vida, acesso à saúde, humanização nas instituições de saúde, qualidade no atendimento e inclusão ou falta dela.

Dentre as dificuldades encontradas para execução deste estudo, um fator foi considerado relevante: A pouca base teórica e estudos relacionadas a Libras e a saúde, já que a maioria das publicações estão relacionadas a educação. Acerca da saúde, pode-se perceber que há implicações, como por exemplo, a falta de comunicação impossibilita que o surdo tenha acesso a informações na recepção, os profissionais de saúde não compreendem os sintomas do paciente surdo, muitas vezes a equipe de saúde não consegue conferir possíveis alergias a determinados medicamentos. O surdo fica dependente de terceiros, para falar por eles, não lhe é passado informações de cuidado pessoal, cuidado íntimo, doenças sazonais. No que diz respeito ao gestor hospitalar, é essencial que o mesmo esteja atento as demandas apresentadas pela comunidade surda e pautar sua intervenção na inclusão social e na humanização. Além disso, que possibilite qualificação profissional para sua equipe no sentido que todos saibam se comunicar através de libras. O olhar das instituições de saúde sobre a inclusão dos surdos nos serviços de saúde também se considera um fator importante a ser pesquisado futuramente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Wolney Gomes. O guia intérprete e a inclusão da pessoa com surdo cegueira. Ilhéus: Editus, 2019.

BRASIL. DECRETO Nº 3.298 DE 20 DE DEZEMBRO DE 1999. Regulamenta a Lei Nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3298.htm. Acesso em: 10 out. 2018.

BRASIL. DECRETO Nº 5.626 DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. . Acesso em: 08 out. 2018.

GOMES, Edlaine de Campos. Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade. Silva CAA. São Paulo. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 213-214,

jan. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2015000100213. Acesso em: 28 nov. 2019.

OLIVEIRA, Yanik Carla Araújo. A língua brasileira de sinais na formação dos profissionais de enfermagem, fisioterapia e odontologia no estado da Paraíba, Brasil. v.16, n.43, p.995-1008, out./dez. 2012. Disponível: <https://www.scielo.org/article/icse/2012.v16n43/995-1008/>. Acesso em: 10 out. 2020.

SANTOS, Thalita Mara; VIEIRA, Lídia Cristiane; FARIA, Cleyciane Alves. Deficiência auditiva e mercado de trabalho: uma visão de empregadores da cidade de Uberlândia-MG. São Paulo, v. 15, n. 2, p. 92-103, ago. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872013000200007. Acesso em: 10 set. 2019.